

Julio Alberto Wong Un
Maria Amélia Medeiros Mano
Eymard Mourão Vasconcelos
Ernande Valentin do Prado
Mayara Floss



**PERCEPÇÕES
AMOROSAS
SOBRE
O CUIDADO
EM SAÚDE**

Estórias da
Rua Balsa das 10

© Direitos autorais, 2019, de
Julio Alberto Wong Un, Maria Amélia Medeiros Mano,
Eymard Mourão Vasconcelos, Ernande Valentin do Prado & Mayara Floss
Direitos de publicação da
Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209
04110-020 São Paulo SP
Telefone: 55 11 3892-7772
www.huciteceditora.com.br
lererelen@huciteceditora.com.br

Depósito Legal efetuado

Coordenação editorial: Mariana Nada
Assessoria editorial: Kátia Reis
Revisão: Cecílio Alayde Medeiros Mano
Ilustrações: Paula Wong

CONTATO

ruabalsa10@gmail.com

M285p
2. ed.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Un, Júlio Alberto Wong. 1962-
Percepções amorosas sobre o cuidado em saúde: estórias da
Rua Balsa das 10 / Júlio Alberto Wong Un. – 2. ed. – São
Paulo: Hucitec, 2019.
372 p. ; 23 cm. (Saúde em Debate ; 302)

Inclui índice
ISBN 978-85-8404-201-2

I. Saúde pública – Brasil – Crônicas. 2. Crônicas brasileiras.
I. Título. II. Série.

19-59214
CDD: 869.8
CDU: 82-94(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Os autores do Rua Balsa das 10 somos pessoas, profissionais da saúde, educadores populares, buscadores da intuição, da emoção, da sensibilidade e da razão.

O Rua Balsa das 10 nasceu em 2013 como um blog (<http://balsa10.blogspot.com.br>) e até julho de 2019 contava com mais de 1.000 textos e tinha sido visitado mais de 290.000 vezes.

Desde esse blog criamos este livro. Com parcerias novas e antigas, utopias nascendo ou se renovando... e com um olhar crítico, amoroso e em diálogo com o mundo da saúde - no seu sentido mais amplo.

A educação popular em saúde atravessa todos os textos deste livro - e do blog. Mas de maneira inesperada, não convencional... Questionando implicitamente o populismo, a superficialidade, a hipocrisia, e a mesquinhez.

AMÉLIA

Com uma mão no Nordeste, do pai que planta, e uma mão no Sul, da mãe que costura e ensina. Um pé na terra, nas trilhas e na horta do clube de mães e no skate dos meninos do Porto Novo. E o outro pé no ar, no sonho, no vento, na poesia cotidiana de ser médica de família e comunidade. Sou educadora popular, atendo, escrevo, ouço e conto histórias e estórias e, nas horas vagas, invento e conspiro.



ERNANDE

Sou pai de três meninas lindas (Heloísa, Beatriz e Alice). Amado por Larissa, filho de Iolanda e José, irmão de Marcia e Sheila, tio de uma pencea de sobrinhos, cuidado de um gato (José) e uma coelha (Orelhuda). Sou amigo de Amélia, Eymard, Julio e Mayara, Enfermeiro, Educador Popular, periférico à Rede de Educação Popular e Saúde, morador de João Pessoa, Brasil.

EYMARD

Sou um médico que encontrou, há 42 anos, o sentido e a motivação para o trabalho em saúde através de experiências de trabalho comunitário orientados pela educação popular freireana. Desde então, como professor da Universidade Federal da Paraíba, me envolvi em diferentes projetos de extensão universitária buscando os caminhos da formação profissional na perspectiva da educação popular. Nessas experiências de intenso contato com a cultura, as lutas populares por saúde e a busca estudantil por ser significativo na construção de uma sociedade mais justa e uma profissão mais integral, fui descobrindo a importância da espiritualidade, da arte e da emoção no trabalho educativo. Vi que muitos profissionais de saúde ansiavam por melhor conhecer essa realidade e passei a escrever livros e artigos para eles. Hoje, estou aposentado, mas não largo essa missão.



JULIO

Sou um escritor que pouco escreve. Mas tenho constatado, feliz, que esses poucos textos tocam a alma de alguns e os ajudam a transformar e construir caminhos. Sou um professor pouco convencional. Mas tenho vivido encontros intensos com os jovens e, anos depois, tenho constatado que permaneço na lembrança e no sorriso de alguns, hoje profissionais da saúde que constroem com esperança e utopia o direito à saúde. Sou um carioca da *clara* - nascido no Peru. Amo o Rio de Janeiro, Porto Alegre e as minhas duas pátrias *mãe* - o Peru e o Brasil - que nunca deixam de me espantar. Sou um peruano *típico* com traços fortemente chineses. Sou um *chinês* que não conhece a China mas que a leva dentro de si. Sou um médico apaixonado de *longe* pela Medicina. Sou um *viajante* a tempo integral. Sou um *"tuno"* que desatina. Sou um educador *popular* que gosta de popular mesmo - *brega, pop, ridículo*. Sou cuidado e amado por seres *extraordinários*. E, aliás, tudo o que escrevo é em agradecimento a esses seres - e mais - pela vida presenteada uma e outra vez, com teimosia milagrosa e esperançada. Sou alguém que procura. E confia cada vez mais.

MAYARA

Sou chapecoense, poeta, compositora e futura médica de família e comunidade. Amo medicina rural, interiores, simplicidades. Já andei pelos campos da Irlanda. Gosto de tomar chimarrão na casa da Suzi na Vila da Barra, Rio Grande (RS). Nas horas vagas vou carregar pedras para o horto medicinal. Participo desde o começo da *Liga de Educação em Saúde*. Criei o projeto de animação do SUS. Ainda não aprendi a pisar no freio. E me emociono com tudo.

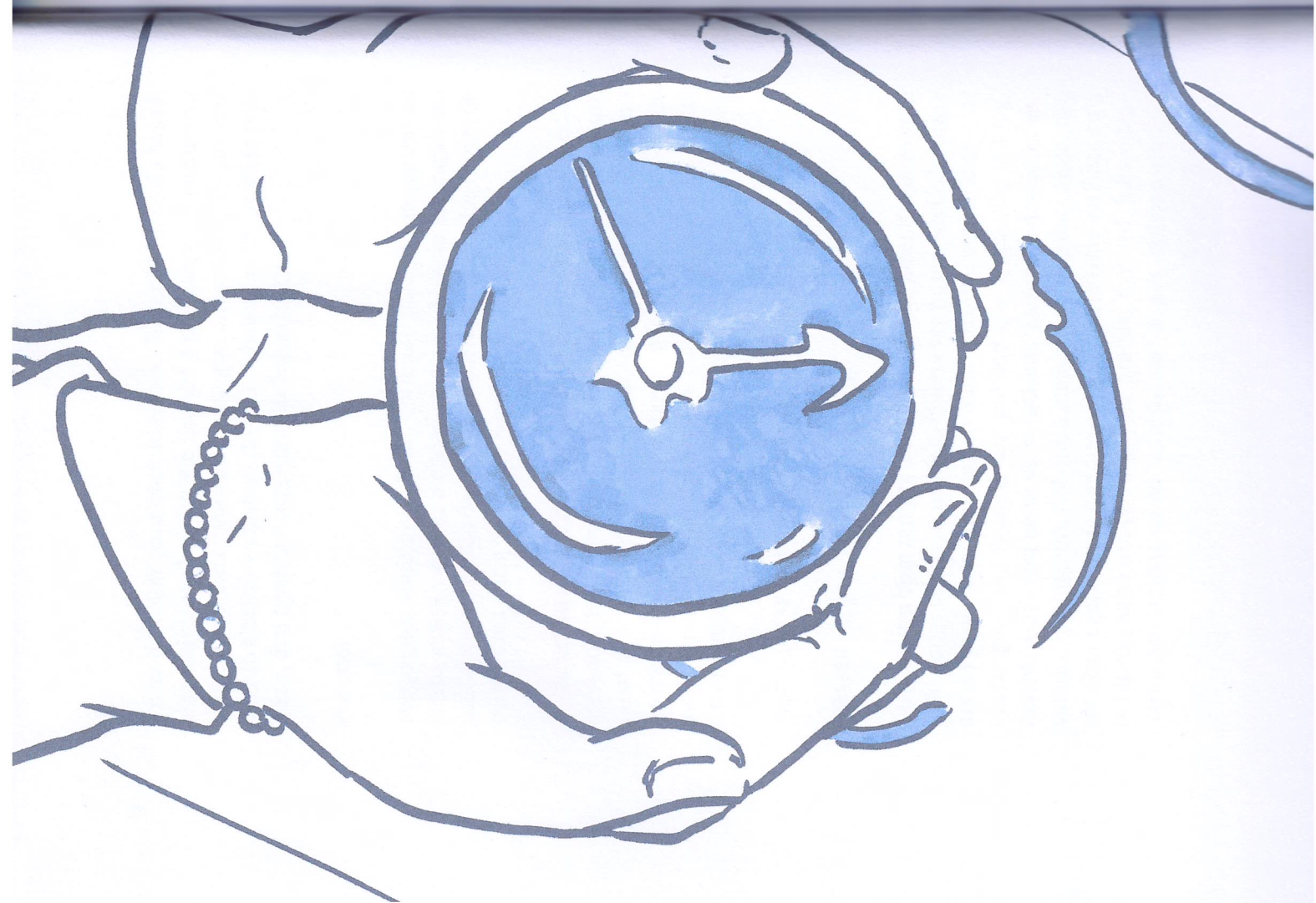
SUMÁRIO

14	Apresentação Navegar é preciso Maria Valéria Rezende		
19	Da origem deste desejo, seis anos depois - a propósito de uma nova edição Julio Alberto Wong Un		
32	Da origem deste desejo, o primeiro texto (abril 2013) Julio Alberto Wong Un		
49	Diário de uma semana Maria Amélia Medeiros Mano		
62	Benedeira Mayara Floss		
67	Os pés sujos de Dona Esmeralda Ernande Valentim do Prado		
72	O amor no trabalho em saúde Eymard Mourão Vasconcelos		
81	Ladeiras Julio Alberto Wong Un		
		87	Quando há cigarra Maria Amélia Medeiros Mano
		91	Quando eu desacreditei na medicina Mayara Floss
		97	A luta para preservar e construir uma sociedade que permita a todos a realização dos anseios fundamentais do coração Eymard Mourão Vasconcelos
		104	Eu não nasci enfermeiro (me construí) Ernande Valentim do Prado
		111	Da pedagogia dos sebos de Porto Alegre (ou crônica do Régis) Julio Alberto Wong Un
		115	Marias Amélias Maria Amélia Medeiros Mano
		123	Avó Mayara Floss
		128	Pai e filho unidos pelo mesmo amor Eymard Mourão Vasconcelos
		137	Sempre nuncas voltas ruas árvores sóis luas vastos longes Julio Alberto Wong Un
		140	Vai vendo: estratégia saúde de cada um no seu quadrado Ernande Valentim do Prado
		147	De passagem Maria Amélia Medeiros Mano
		155	O House Depois que eu passei na medicina Mayara Floss
		161	Meu envolvimento inicial com o mundo popular Eymard Mourão Vasconcelos
		169	A minha parte com os pobres e oprimidos Ernande Valentim do Prado
		177	A noite iluminada Julio Alberto Wong Un
		181	A vida não se resume em festivais Maria Amélia Medeiros Mano
		186	Espera Mayara Floss
		189	Esta estranha raça de profissionais de saúde dedicados aos pobres, oprimidos e marginalizados Eymard Mourão Vasconcelos
		195	Conversa corriqueira (quase verdade) Ernande Valentim do Prado

201	O que dizer? A propósito de umas aulas por vir Julio Alberto Wong Un			331	Oração da folha sagrada (de Ossaim e da flor) Julio Alberto Wong Un
207	Poetas guerreiros Eymard Mourão Vasconcelos			335	Ninar Mayara Floss
209	Mudança Mayara Floss			341	O Roque e eu Ernande Valentin do Prado
213	O gosto e a poesia do trabalho em saúde Eymard Mourão Vasconcelos			345	Conversão aos pobres, oprimidos e marginalizados Eymard Mourão Vasconcelos
220	Longe demais do mar Ernande Valentin do Prado			352	Una mujer joven descansa en el suelo del centro cultural Garcia Márquez Julio Alberto Wong Un
225	Das vozes daqueles que procuram Julio Alberto Wong Un			357	Parideira Mayara Floss
229	Entre pinguins e a Educação Popular Mayara Floss			361	Castelos, palácios e alpendre Maria Amélia Medeiros Mano
233	Pequeno Maria Amélia Medeiros Mano			369	Uma bicicleta Ernande Valentin do Prado
238	Exigências e saberes especiais necessários à assistência aos oprimidos Eymard Mourão Vasconcelos	207	Tolerância carece de coerência ou vira convivência Ernande Valentin do Prado		
249	Olhando em volta a partir de meu umbigo Ernande Valentin do Prado	292	E ternas são as velhas árvores Maria Amélia Medeiros Mano		
257	Teosinto Maria Amélia Medeiros Mano	301	O sentido salva Eymard Mourão Vasconcelos		
264	O MEU Robin Williams Julio Alberto Wong Un	306	(Quase) Diário De Viagem – IV Mostra Nacional de Saúde da Família Ernande Valentin do Prado		
268	Os perigos deseducativos da assistência à saúde Eymard Mourão Vasconcelos	314	O valor das grandes teorias para orientar criticamente o trabalho em saúde Eymard Mourão Vasconcelos		
277	(Des)encanto com o popular Mayara Floss	321	Silêncio das línguas cansadas Mayara Floss		
283	Essas coisas vivas Maria Amélia Medeiros Mano	324	Ninguém compreenderia um samba naquela hora Maria Amélia Medeiros Mano		

DIÁRIO DE UMA SEMANA

Maria Amélia Mano





Juntei muitos dias, muitas pessoas, muitas histórias, muitos lugares, muitos anos para fazer “esta semana”.

Misturei nomes reais e inventados, como quem mistura especiarias e ervas em um caldeirão mágico. Mas as palavras, as falas... são reais como o fogo que queima, como a água que ferve, como a fumaça que sobe e os aromas que convidam: experimenta!

Experimenta o dia, o instante. Experimenta a escuta. Experimenta, que é sabor de vida.

Vida de rir, de chorar, de traduzir, de aprender, todos os dias...

Vida de se surpreender, de levar para casa pra pensar, pra sonhar, todas as noites...

Leia aos pouquinhos, devagar, como quem saboreia uma sopa quente de acalmar a alma, um café recém- feito de acordar o coração.

Segunda-feira

14:00 - Tiana chama sua psicóloga de psicóloga, “tá surda, não me ouve!”, diz que não fala nada, só fica olhando. Ainda me afirma que o remédio lhe dá um “relaxume” bom: “o dia-zepam devolveu a memória”, que precisa continuar tomando e que, às vezes, até ouve vozes mas nem “dá bola”!

14:20 - Dona Júlia me conta que foi na acupuntura: “Eu peguei um médico que eu acho que é meio doente da cabeça, me ficou 15 agulhas e depois, foi tirando de duas em duas agulhas e assim foi, e em seis pacientes ao mesmo tempo! Me mandou levantar e ainda tinha três agulhas debaixo do pé... Como é que eu ia levantar?”

14:40 - Anita me fala do seu novo namorado: “É um rapaz parado, tem o 2º grau completo; preciso me amigar, mas não casar que eu perco a pensão, né!?” . Segue me dizendo que o namorado “é uma boa pessoa tirando os defeitos” e que “o importante é o carinho”

15:00 - Ana já chega e antes de tudo já me avisa: “Eu tenho transtorno de personalidade”. E pergunta: “Problemas de nervos não aparece no RX?”

15:20 - Aluísio chega na consulta ainda com dor na bariça, vesícula com cálculos. Explica que marcaram a cirurgia cinco vezes. Foram cinco manhãs em jejum e não operou: “O médico tinha coisas urgentes...”. Sorrindo, conformado, me diz: “O SUS é bom, mas é demorado, né?”

Paro para fazer a receita de uma criança: antitérmico, para que possa ser medicada na creche.

15:40 - José é auxiliar de serviços gerais na sala de parto e nunca viu um parto, nunca teve vontade de espiar. Quando pergunto o motivo, ele me responde: “não gostaria que o médico me olhasse limpando, por isso não olho os partos!”

Faço pausa para tomar um cafezinho, água e conversar com a Marta, auxiliar de serviços gerais que me confessa não saber ler. Na pequena pausa ela me conta que queria mesmo era servir cafezinho, “mas tem que ter estudo...”

16:00 - Seu Manoel vem na unidade fazer a dose supervisionada de tuberculostático e me explica, sorrindo: “vim bater o ponto da tuberculose!”.

16:20 - Luísa me afirma que “o desejo da pessoa é não ser neurótico nem psicótico” e me olha, pensativa: “Eu vejo que a senhora tem saúde mental. Sabe, eu tenho inveja branca da senhora...”

16:40 - Seu Vicente vem, pela terceira vez, para que eu tire dúvidas sobre a cirurgia. Pergunta: “Doutora, pode dar um ‘redemoinho’ na cirurgia de hemorroidas?”

17:00 - Elza perdeu um filho. Foi assassinado. Tem uma dor imensa, “como se tirassem pedaços meus”. E continua: “Os médicos não me aconselharam, mas o delegado me indicou um centro spirita”.

17:20 Rui, convertido pela Igreja Universal, me conta que “não pecar contra a castidade é difícil” e que “a santidade é dolorosa”. Não bebe mais, mas quando bebia, nem queria saber de remédio natural: “boido não dá nada! Um Xantinon B12 é que é bom!”. Sobre os pecados, Deus cura: “Gula! Deus cura... mas não é vantagem”.

Paro um instante para fazer um atestado para um trabalhador, cuja empresa não aceitou o boletim de atendimento da emergência em que foi naquele dia. Teve uma crise de cálculo renal.

17:40 - Dona Elisabete se queixa de zumbidos: “É um zumbido que reproduz os barulhos de coisas antigas, sabe? Daí, não sei porque, eu fico pensando nos erros. Sou perfeccionista...”

Terça-feira

14:00 - “Ah, doutora, eu choro há tanto tempo... choro sem lágrima”, me diz Andreia. Conta que se separou do marido e que ele, agora, está preso. Pergunto o que ele fez, que crime, e ela me responde prontamente: “ele me traiu...”

14:20 - “Sou bipolar”, me explica Joana. “Quando me disseram que eu era ‘duas’ porque eu era do signo de gêmeos eu me tranquilizava”, mas depois não se tranquilizou mais, buscou ajuda. “Daí, a psiquiatra disse: terminou a sua hora, no momento em que eu ia contar uma coisa de infância. Ela não me viu como pessoa que estava ali pra juntar meus pedaços...”

14:40 - Seu João não adere ao tratamento, diz que “eu botar

remédio na boca pra viver é difícil!”. Conta um pouco da vida: “Tenho 40 anos de casado e nunca traí. Tem mulher dando em cima, mas eu respeito. Mas, sabe, lhe digo, eu não tenho carinho na cama.”

15:00 – Dona Carmem, 50 anos, chega apreensiva: “Doutora, eu tenho um nóculo legível!”

15:20 – Ana me conta seu sonho: ser carteira. Sim, aí seria feliz. Porque adora caminhar pelas ruas: “Caminhar acalma!”

15:40 – Teresa perdeu um amor... Diz que “os cientistas que foram na lua não sabem tocar no coração de uma mulher”. Sobre o amado, fala: “Eu via cada pedacinho meu no coração dele”. E confessa que sente “falta da migalha que ele me dava”. Quer reencontrá-lo, mas queria estar mais bonita, “queria estar de cabelo arrumado, com dentes...”

Na pausinha usual para o café, Marta me conta que um artista da novela foi preso em Porto Alegre: “O Marcelo Antony. Fui no presídio pra ver. Era mulher gritando agarrada nas grades e os brigadianos tirando. É, só no presídio pra pobre ver artista da Globo!”

16:00 – Seu Ernesto chega e pergunto: “Como é que está?”. Ele me responde, prontamente: “Não consigo emprego. É batuto. Tô parado, sem serviço, vou abrir perúcia, me encostar no INSS, pode ser?”

16:20 – Rosa me diz, pensativa: “Quero ir pra longe para ver onde eu tô... Vou para lugar longe e esquecer quem sou”.

16:40 – Dona Sílvia reclama: “Doutora, me desenganaram dos ossos, tá tudo comido! No estalar de ossos: já tô me desencarrilhando! E cola e descola a barriga por dentro... Sabe o que eu quero? Quero a receita de milagre!”

17:00 – Dona Zeni vem com o esposo e explica que ele está mal: “Roubaram a carteira, fechou o bingo e faleceu o pai...” Muita desgraça em pouco tempo. Para melhorar as coisas, Dona Zeni comprou carnê do Baú da Felicidade e uma sacola pra levar remédios.

17:20 – Dona Cenira me pergunta: “Minha diabete é A ou B?”

17:40 – Fernanda me olha e diz, antes de tudo: “O meu subconsciente confiou em ti!”

Quarta-feira

14:00 – “Tenho uma esponja que se estufa no estômago”, me diz Dona Wilma, e “um vazão na cabeça de manhã: tudo oco”. Segue me relatando: “Também sinto uma angústia, um suspiro aqui (põe a mão no peito) e conforme vem, eu tenho que pôr pra fora, sabe?”

14:20 – Converso com Elisa sobre sua doença e seu tratamento. Depois, a mãe de Elisa, atenta e respeitosa dá uma risadinha de lado e comenta: “Sertralina, remédio para tirar a tristeza, que engraçado! Eu faço um filme, à noite, para distrair... Adianta, sabia!”

14:40 – Dona Elisabete retorna: “Eu nasci velha, tenho senilidade precoce... Tenho medo de ser desinternada, porque eu tomo remédio consecutivo”. Como conheço Bete, tranquilizo, digo que não vou suspender seus remédios e pergunto se está bem hoje. Ela me responde: “Tô bem, já lavei roupa, já matei as pulgas do cachorro. Sabe, já tive mutismo, mas conversei com o cachorro e com as plantas. É bom conversar com as plantas...”

15:00 – Seu Jorge: “A doença é o maior remédio da alma...”

15:20 - Seu Luís é pintor de parede, no meio da consulta, conversamos: "Deu trabalho aquela parede, mas compensou... era um amarelo-salmão, uma cor de coco queimado... Ah, se eu tivesse celular de tirar foto eu tinha tirado! Ficou lindo, Doutora!"

15:40 - Dona Gládis, chega chorando: "Doutora, caidei o meu filho!". E quando digo que não entendi, ela me explica que precisou trancar o filho com cadeado, em casa, pra não sair para usar crack...

Hora do cafezinho. As meninas da recepção chegam com uma receita com uma letra ilegível para que eu decifre que medicamento estava prescrito. Apesar das minhas tentativas, não consegui identificar. Marta, observando todos os movimentos e esforços para entender a receita, após as meninas saírem, me pergunta: "Doutora, não sabia que existia saber ler e não saber ler, pode?"

16:00 - Paciente nova na unidade. "Dona Cecília?", pergunto. Ela responde: "É Cecília, mas o pseudônimo é Cenira!"

16:20 - Dona Selma me diz que encontrou um par no baile. Está nervosa: "Dá uma felicidade na circulação. Me engasguei e pensei nele, ele só podia estar pensando em mim! Dia de passe livre, vou procurar ele. Tomara que a gente se veja. Se não é crime!"

16:40 - Seu Adair veio para mostrar exames atrasados e se justifica: "Tava cuidando de uma sobrinha com uma doença mórbida que todo mundo tem. A vida não deu certo, daí apela pra depressão. Depois tive uma simulação de emprego pra poder pagar a tal da pensão alimentíssima!"

Paro um instante para refazer o exame pedido há 15 dias porque o caozinho da casa roeu a requisição.

17:00 - Dona Sônia chega com sorriso largo, a primeira coisa que faz é me mostrar a carteirinha do passe livre: "Ó! Posso ir no centro, saí a me exibir com a carteirinha! Agora ajudo a minha família indo e vindo. Saí sem saber aonde... Tirei os 400 pila do banco, fiz uma festa no Carrefour. Fui no médico que tem o mesmo nome do traficante. Agora só dá eu no ônibus! Até o 14 eu já peguei! É um avião. Ah, Doutora, te cuida, te alimenta bem!"

17:20 - Seu Sérgio me diz: "Queria arrumar os dentes mas tinha que comprar os óculos". Diz que dói a cabeça feito "faca de serras que entra e sai". E me explica, "Sabe, apanhei muito na cabeça, desde nenê. Tenho dor de cabeça..."

17:40 - Pergunto para Dona Sara: "O que a senhora tem?" e ela me responde: "A senhora me pergunte o que eu não tenho"

Quinta-feira

14:00 - "Então, Seu Jair, o senhor está com 74 anos, né?" , digo eu, lendo o prontuário de Seu Jair. E ele me responde: "Tenho tudo isso? Pelo tempo que eu respirei, achava que era menos! Eu tô é durando muito!"

14:20 - No fim da consulta, Jeferson me olha e me pergunta se pode tirar uma dúvida. Quando digo que sim ele me pergunta: "A Senhora chora, heini?"

14:40 - Chega Dona Eulália e pergunto: "E o coração?" Ela responde: "O coração por enquanto tá resolvendo."

15:00 - Dona Geni chega com um envelope e me entrega, sorrindo: "Sabe, Doutora, eu vi a senhora olhando meu crucifixo com cara de choro e eu comprei esse santinho pra senhora". Abro o envelope e encontro um vale transporte.

15:20 - "Olá, Seu Carlos, o que o Senhor tem?", pergunto. E ele me responde: "Saúde dos meus 18 anos..."

15:40 - Dona Ísis chega cheia de boletins da emergência e receitas: "Doutora, eu sou cardíaca e sou nervosa. Minha receita é um romance. Não consegui sinvastatina. Mas faço dieta e física no quintal. Fui na emergência, mas a doutora de lá brigou porque não era pra emergência. Me desmontou o braço, o cano do braço. Quebrou e precisou colocar uma próstata na perna."

Paradinha para o café. Comentou com o pessoal na cozinha que preciso pagar o CRM e que achei bem caro. Marta me pergunta o que significava aquilo e quando eu expliquei a ela, ela me responde: "Baaaaaaah, tem que pagar pra ser médico? Ainda bem que diarista não paga. Tem isso de bom!"

16:00 - Márcia, antes que eu me apresente ou pergunte algo, já chega falando: "Tô preocupada porque não tô sorrindo mais há um mês..."

16:20 - Seu Anísio me conta que foi cozinheiro de barco, depois estivador e a filha é telefonista de rádio-táxi: "Já vi coisa, já tomei até bala no peito, quase pegou no bobo (coração), mas eu tava com uma guia de proteção!"

16:40 - Pedro chega calado, olha a paisagem do quadro que está na parede da sala. Um campo verde com árvores lindas e frondosas. Sorri e me diz: "O paraíso deve ser assim. A senhora me diga, qualquer um pode ter depressão?"

Entre uma consulta e outra, acabo sempre fazendo uma renovação de receita, seja de anti-hipertensivos, seja de psicotrópicos. Todos os dias...

17:00 - Heloísa traz exames. Vejo o prontuário e noto que está

atrasada no exame de papanicolau. Ofereço e ela me responde: "deixa quieto, tá sem uso faz tempo!"

17:20 - Seu Ernesto fala da companheira: "A mulher já é seque-ladinha, já não dá pra subir e descer lomba. Mas ela é louquinha por mim! Viu São Paulo, quanto crime? O negócio é fazer turismo por aqui: Gramado, Canela. O problema todo é esse negócio de democracia. É CPI por todo lado e ninguém vai preso. Se é não, dá quilômetros de cadeia. E isso de tráfico de órgãos, a senhora viu? Com a retirada de órgãos ter saúde é um perigo! Seu pai tá bem? Se precisar de alguma coisa..."

17:40 - Seu Carlos me explica: "Só fui até a 5ª série, mas eu me salientei na conversa. Não posso assinar. Minha mão treme, treme... Eu tenho que pegar um caderno e praticar meu nome. Aprendi alguma coisa na vida."

Sexta-feira

14:00 - Explico para Dona Clarita que preciso encaminhá-la para um outro colega, especialista. Ela me olha, tranquila e pergunta: "Vou mudar de doutora. Não tem ciúme?"

14:20 - Volta Dona Sônia, ainda feliz por circular com seu passe livre pela cidade: "Quando eu venho lhe ver eu fico bonita. Minha filha me empresta para eu ficar bonita (pega no colar no pescoço). Por isso eu fico ruim, pra vir aqui mais vezes pra lhe ver"

14:40 - Dona Sueli diz, quando lhe pergunto em que posso ajudar: "eu quero é emendar o mundo e não posso".

15:00 - Dona Maria fala da família: "Meu marido tem 77 anos, ele é a minha relíquia. Meus filhos, eu tenho os defeitos mas dou comida para eles. Meu mais velho tá caverudo, quem vai pegar pra trabalhar?"

Um usuário chega agoniado e pede um atestado para a perícia médica do INSS, para segunda-feira. Peço para passar no fim do dia que já estará pronto.

15:20 - Janete me conta que comprou um livro de inglês pra entender os filhos da patroa. Diz que está em "estágio interessante" e quer começar o pré-natal. Foi na Santa Casa por uma dor na barriga e tanto estudante pegou nela que "parecia a banca do peixe."

15:40 - Seu Juvenal me explica que "Deus melhora a impotência. Há vários vultos com o vento que carregam também a dor. Um passarinho que soltei um dia: ele disse "viu que quero ir. É deus falando comigo..."

Café quentinho... Marta está calada, cabeça baixa. O rosto esconde algumas manchas rochas, hematomas. A equipe faz que não vê e quando lhe perguntam, ela diz baixinho que caiu em casa...

16:00 - Sandra, chega e antes que eu pergunte: "Meu problema é que eu não tenho vila, eu tô na rua."

16:20 - Dona Julieta se queixa: "Cai umas areias no corpo, parece que meu cabelo tá encrespando dentro da cabeça. O cérebro embala. Tenho impressão que o meu cérebro gira."

16:40 - Elisabete volta novamente, e desta vez com a filha: "Minha filha é grande né? Olha como meu olho brilha! Ela tem saúde, gosta de música, de roupa e de dormir! Me dá a mão, tô limpinha Doutora! Vim dizer pra senhora que vou escrever um livro da minha vida. Escreve a Fênix. O nome do livro: vazio"

Corto as duas últimas consultas. Faço o atestado prometido. Deixo o fim do dia para fazer uma visita domiciliar.

Visito Seu Antônio, ele tem um câncer avançado e perdeu a esposa há dois anos: "Sabe, Doutora, eu tô sempre perdido no sonho, tem uma montanha... é tão difícil..."

Ganhei presentes, vela perfumada, caixa de chocolate, sanduíche natural, potinho de sagu, saco de laranja, pano bordado, colar... Ganhei promessa de presente, um pano verde de crochê que ainda está na agulha. Acima de tudo, ganhei um casamento bom e um "obrigada por ter me ouvido tanto" ...

VAI VENDO: ESTRATÉGIA SAÚDE DO CADA UM NO SEU QUADRADO

Ernande Valentin do Prado



É a terceira versão deste texto. Escrevi uma com comentários indignados, falando tintim por tintim tudo que me irritou profundamente no comportamento dos “profissionais”, mas aí mudei de ideia. Tudo que escrevi já é lugar comum muito grande e achei melhor abrir espaço para o julgamento do leitor. Deixei apenas os meus pensamentos, mais ou menos organizados a partir do que vivi e a expressão, cada um no seu quadrado e suas variantes.

Foi mais ou menos assim que aconteceu...

Cheguei à unidade de saúde de um bairro enorme na cidade de João Pessoa, Paraíba (onde moro). Isso foi por volta das 13h. Não havia muita gente esperando: uma pequena fila na recepção, que peguei e, ao chegar minha vez, descobri que ali não era o ponto inicial do atendimento, mas que deveria ter entrado e procurado as pessoas sentadas nos corredores, embaixo do cartaz: acolhimento.

Pensei, olhando a paisagem: “prédio grande, espaçoso. Daria para fazer muita coisa legal aqui”.

Cada corredor tinha uma profissional sentada e na parede um cartaz dizia: acolhimento. “será que sabem o que acolhimento significa”, pensei bem baixinho já desconfiado do que estava por vir.

Como não sabia qual dessas pessoas deveria me atender, fui até a primeira e ela disse:

- Não tem atendimento hoje, a médica está doente. Volta amanhã.

Respondi:

- A enfermeira pode resolver meu problema.

- Ela também não veio, apressou-se em responder.

- Mas você nem sabe quem eu sou, não sabe nem qual é a equipe que deveria me atender, nem olhou minha carteirinha.

Ela pegou meu cartão e disse:

- Deve ser aquela equipe ali. Disse apontando para outra mesa. E imediatamente voltou a não fazer nada.

Fui até a outra mesa, onde havia duas pessoas conversando de costas para outras, que aguardavam. (Cada um no seu quadro. O profissional em um e os usuários em outro, ou outros) Uma delas disse:

- Qual é sua equipe?

- Não sei, respondi. Mas aquela moça me mandou falar com você.

- Não é aqui não, a sua equipe é a de lá...

- Mas você nem olhou meu cartão, como sabe qual é minha equipe? Já que na parede está escrito acolhimento, você poderia me acolher. Até agora não me senti acolhido por ninguém.

- Qual seu endereço?

Aí expliquei, e ela disse, a contragosto, para eu esperar e voltou a conversar com a mulher, que depois descobri ser a médica.

Fiquei aguardando minha vez por mais de duas horas e pesando: “o que impede essa gente de atender com hora marcada?” Os profissionais andavam de um lado para o outro e não tinha como saber quem fazia o que ou se estava fazendo alguma coisa. Quase ninguém para ser atendido, muita gente sem fazer nada. Muito espaço vazio.

Alice, que me acompanhava, ficou irritada de ter que esperar (depois que a última criança foi embora). Duas irritações: um atendimento absurdamente ineficiente e uma criança repetindo: “quero ir embora, quero ir embora, quero ir embora”.

Lá pelas tantas, a médica saiu da sala e interrompeu a moça que não largava o celular. Reclamou que não tinha receituário, que já havia falando isso e escrito pela manhã, mas ninguém deu jeito. Pensei: “deve ter muita gente à sua disposição” (cada um no seu quadrado). A moça do celular sai para procurar, enquanto isso a médica fez um discurso sobre a falta de receituários:

- Deveriam fazer 100 mil receitas. Eu passo a manhã e a tarde dando receitas e pedindo exames, mas a gestão quer economizar.

A moça não voltava com as receitas e a gente ali, ouvindo aquela mulher protestar contra a gestão e nos obrigando a ouvir seu discurso. Comecei a delirar:

“pouca coisa pra fazer é complicado! Muita gente, pouco trabalho dá uma preguiça danada”. E aí tive uma ideia sensacional para facilitar a vida de todos nós. Apesar de contar aqui, quero deixar claro que vou patentear. Coisa bem simples: instalar máquina eletrônica nas unidades de saúde, tipo caixas automáticos, desses de bancos, mas com receitas e solicitações de exames. Agilizaria muito o atendimento. A pessoa usaria o cartão SUS no lugar do cartão do banco e faria suas escolhas. Na evolução dessa tecnologia, a versão 2.0 poderia “vomitar” medicações em lugar de dinheiro. Ouvi a médica dizer que dá receita de omeprazol de 40 mg, que é melhor do que de 20 mg, para todo mundo, até para os profissionais.

- Quando chega, disse ela, dou receita de monte e acaba tudo no mesmo dia. Coitada: a minha máquina vai ajudar muito, pode até evitar lesão de esforço repetitivo. Coitada, qual seria sua utilidade se perdesse a mão que escreve receita de omeprazol de 40 mg?.

Nenhum outro médico na unidade, dos quatro que ali deveriam estar, segundo uma agenda que me deram. Pensei: poderia pegar o receituário do consultório ao lado, mas descobri que o médico ao sair tranca a porta. “Deve achar que é uma sala particular e não da população”, pensei sozinho.

A médica não parou de falar e se esqueceu de que estava atendendo.

Quando achei que não ia mais ser chamado, chegou minha vez. Entro na sala, ela pergunta meu nome, anota em um livro pronto e me pede para assinar. Pergunta onde eu moro, sem muita vontade de ouvir a resposta e faz um encaminhamento para fonoaudiologia. Escreve na ficha: fonoaudiologia, data, assina e carimba. Não fez mais nada e me pediu para levar para outra pessoa terminar de preencher. Fiquei pensando: “anos de fa-

culdade para fazer isso?” (Se tivesse uma máquina eletrônica eu não precisaria passar por esse tipo de médico e só gastaria cinco minutos). Por outro lado, caso ela tenha uma lesão que a impeça de continuar receitando, não será um prejuízo total, pois tem um secretário para preencher as receitas. Com o tempo, o secretário poderia até aprender a assinar por ela, se é que já não sabe, e a médica poderia ficar em casa.

Fui para sala do “secretário” da médica, que preencheu a ficha. Fiquei pensando que é uma maravilha trabalhar para o Estado, duas pessoas para fazer o mesmo trabalho. Isso que é ter dinheiro sobrando e pouco o que fazer. Desse modo, podem terminar o trabalho mais cedo e ir para casa ver a novela (ouvi dizer que” Meu pedacinho de chão” tá dando show - 18 horas, mais ou menos, na Globo, anota aí!).

O secretário preencheu a ficha, anotou de novo em um livro preto e pediu para eu assinar.

Aí, perguntei, como quem não quer nada:

- Demora a sair esse encaminhamento?

- Não sei, disse ele sem nenhum interesse. Quem sabe isso é a fulana. Ela que marca (cada um no seu quadrado).

Procurei a fulana, que estava ocupada procurando uma solicitação desaparecida, e ela disse:

- A gente não marca fonoaudiologia, você tem que ir direto ao hospital... (cada um no seu quadrado).

- Tudo bem, mas é melhor contar isso para seu colega, pois pro-tocolou o meu pedido e disse para eu esperar que você iria me ligar com o dia da consulta. Pode me dizer onde fica esse hospital?

“pouca coisa pra fazer é complicado! Muita gente, pouco trabalho dá uma preguiça danada”. E aí tive uma ideia sensacional para facilitar a vida de todos nós. Apesar de contar aqui, quero deixar claro que vou patentear. Coisa bem simples: instalar máquina eletrônica nas unidades de saúde, tipo caixas automáticas, desses de bancos, mas com receitas e solicitações de exames. Agilizaria muito o atendimento. A pessoa usaria o cartão SUS no lugar do cartão do banco e faria suas escolhas. Na evolução dessa tecnologia, a versão 2.0 poderia “vomitar” medicações em lugar de dinheiro. Ouvi a médica dizer que dá receita de omeprazol de 40 mg, que é melhor do que de 20 mg, para todo mundo, até para os profissionais.

- Quando chega, disse ela, dou receita de monte e acaba tudo no mesmo dia. Coitada: a minha máquina vai ajudar muito, pode até evitar lesão de esforço repetitivo. Coitada, qual seria sua utilidade se perdesse a mão que escreve receita de omeprazol de 40 mg?.

Nenhum outro médico na unidade, dos quatro que ali deveriam estar, segundo uma agenda que me deram. Pensei: poderia pegar o receituário do consultório ao lado, mas descobri que o médico ao sair tranca a porta. “Deve achar que é uma sala particular e não da população”, pensei sozinho.

A médica não parou de falar e se esqueceu de que estava atendendo.

Quando achei que não ia mais ser chamado, chegou minha vez. Entro na sala, ela pergunta meu nome, anota em um livro pronto e me pede para assinar. Pergunta onde eu moro, sem muita vontade de ouvir a resposta e faz um encaminhamento para fonoaudiologia. Escreve na ficha: fonoaudiologia, data, assina e carimba. Não fez mais nada e me pediu para levar para outra pessoa terminar de preencher. Fiquei pensando: “anos de fa-

culdade para fazer isso?” (Se tivesse uma máquina eletrônica eu não precisaria passar por esse tipo de médico e só gastaria cinco minutos). Por outro lado, caso ela tenha uma lesão que impeça de continuar receitando, não será um prejuízo total, pois tem um secretário para preencher as receitas. Com o tempo, o secretário poderia até aprender a assinar por ela, se é que já não sabe, e a médica poderia ficar em casa.

Fui para sala do “secretário” da médica, que preencheu a ficha. Fiquei pensando que é uma maravilha trabalhar para o Estado, duas pessoas para fazer o mesmo trabalho. Isso que é ter dinheiro sobrando e pouco o que fazer. Desse modo, podem terminar o trabalho mais cedo e ir para casa ver a novela (ouvi dizer que” Meu pedacinho de chão” tá dando show - 18 horas, mais ou menos, na Globo, anota aí!).

O secretário preencheu a ficha, anotou de novo em um livro preto e pediu para eu assinar.

Aí, perguntei, como quem não quer nada:

- Demora a sair esse encaminhamento?

- Não sei, disse ele sem nenhum interesse. Quem sabe isso é a fulana. Ela que marca (cada um no seu quadrado).

Procurei a fulana, que estava ocupada procurando uma solicitação desaparecida, e ela disse:

- A gente não marca fonoaudiologia, você tem que ir direto ao hospital... (cada um no seu quadrado).

- Tudo bem, mas é melhor contar isso para seu colega, pois protocolou o meu pedido e disse para eu esperar que você iria me ligar com o dia da consulta. Pode me dizer onde fica esse hospital?

- Você não sabe onde é? Disse ela espantadíssima!
- Não, mas não precisa me explicar, basta escrever o nome e o endereço que eu acho.
- Eu não sei o endereço e nem onde é (cada um no seu quadrado).
- Como assim, não sabe o endereço, disse assustando! Você está me encaminhando para um local da rede que você desconhece?
- Eu não tenho obrigação de saber qual é o endereço (cada um no seu quadrado e “deus” contra todos).
- Então me diga o nome da pessoa que deveria saber, quero falar com ela...

Para concluir essa conversa, escute aí Raul Seixas, Check-Up, onde ele conta para todos nós quais as medicações que toma “com prescrição médica, com receita e tudo.” Só assim para aguentar.

DE PASSAGEM

Maria Amélia Mano